

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE A PARTIR DE PÁGINAS POLICIAIS EM REDES SOCIAIS VIRTUAIS¹.

SOCIAL CONSTRUCTION OF REALITY FROM VIRTUAL PAGES SOCIAL NETWORKS POLICIES

Luis Fernando de Castro Vascon²

RESUMO: O presente artigo se estabelece a partir de duas questões correlatas aos dias atuais, a virtualidade das relações sociais e a violência policial, explicitada através de dados de homicídios cometidos pelas forças governamentais de segurança pública. Deste modo este artigo objetiva-se a compreender a construção social da realidade das duas páginas no site Facebook sobre a temática policial com os maiores índices de interações gerais na rede. Para tal intento, foi utilizada como sustentação teórica a abordagem do interacionismo simbólico, explicitado principalmente a partir dos conceitos de sociedade como realidade objetiva e subjetiva, desenvolvida pelos sociólogos Peter L. Berger e Thomas Luckmann. Dentre os resultados, a pesquisa se propõe a compreender como ocorre à construção da realidade através da virtualidade das páginas analisadas e porque são difundidas ideais de cunho conservador e qual a seu impacto nestas páginas.

PALAVRAS-CHAVE: Construção social da realidade; Redes sociais virtuais; Violência policial, Conservadorismo.

ABSTRACT: This article is based on two issues related to the present day, the virtuality of social relations and police violence, made clear by data from homicides committed by government forces of public security. In this way this article aims to understand the social construction of the reality of the two pages on the Facebook site on the police issue with the highest indexes of general interactions in the network. For this purpose, the approach of symbolic interactionism, mainly explained by the concepts of society as objective and subjective reality, developed by sociologists Peter L. Berger and Thomas Luckmann was used as theoretical support. Among the results, the research proposes to understand how the construction of reality occurs through the virtuality of the analyzed pages and why ideals of a conservative nature are diffused and what their impact on these pages is.

KEYWORDS: Social construction of reality; Virtual social networks; Police violence, Conservatives.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a globalização aparece como um fenômeno de grande interesse entre os intelectuais das humanidades, sobretudo após da década de 1980. Todavia, tanto os céticos como os radicais³ da globalização compreenderam o conceito como que quase exclusivamente econômico de acordo com as palavras do sociólogo

¹ O artigo é parte de uma pesquisa, publicado originalmente na forma de monografia.

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP – campus de Marília. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP Campus Marília). Integra o GESP – Grupo de Estudos em Segurança Pública da UNESP. E-mail: luis.vascon@live.com.

³ Anthony Giddens explicita a noção de “céticos” e “radicais” da globalização no livro *Mundo em Descontrole* (GIDDENS, 2011), para o autor, os céticos acreditam que a economia global não é distinta das que existiram em períodos anteriores, enquanto os radicais se posicionam a partir da ideia que a economia global é sentida em toda parte, principalmente a partir da perda de soberania dos países.



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

britânico Anthony Giddens (GIDDENS, 2011). Segundo o autor, a globalização na sociedade contemporânea produziu efeitos maiores do que apenas financeiros, suas implicações estão engendradas no âmago das relações sociais. Neste espectro, umas das consequências da sociedade globalizada é o avanço de um corpo social em rede que potencializa as opiniões entre os indivíduos, transpassando as redes de sociabilidade local e adentrando em um patamar global, em grande medida por conta do desenvolvimento da internet. Em outras palavras, as pessoas ampliaram as capacidades de se expressarem para quase todo o mundo.

Nesta perspectiva, é possível observar na sociedade globalizada a ascensão do comportamento social em rede, explicitado por meio de uma massiva quantidade de opiniões que extrapolam a barreira da comunicação local e penetram a nível global por conta do aprimoramento da internet. Desde o desenvolvimento do projeto denominado de *World Wide Web* por Tim Berners-Lee no final de 1990 até os dias atuais, a rede mundial de computadores passou por grandes evoluções e sua utilização cresceu de forma surpreendente. Segundo a ITU - *International Telecommunication Union* (União Internacional de Telecomunicações), no ano de 2000, aproximadamente 6,5% da população global tinham acesso à internet. Em 2016 foi verificado que em torno de 46% da população já dispõe de acesso à *Web* (ITU, 2016).

Entretanto, a junção entre a crescente utilização e a facilidade de manifestação por intermédio da internet abre uma lacuna para que se exteriorizem os mais diversos tipos de discursos, que vão desde a defesa por direitos constitucionalmente garantidos até exposições mais radicais de aversão as concepções éticas e morais da valorização humana. Neste contexto, em sites como as redes sociais virtuais é possível identificar uma clara dicotomia de compreensão da realidade, expressa principalmente por intermédio das *páginas* e *grupos* como no caso da rede social *Facebook*. Por meio das páginas, os indivíduos se aglomeram em grupos identitários⁴, onde na maioria das vezes, são discorridos discursos com teores ideológicos que vão de encontro apenas com pensamento da maioria dos membros. Um exemplo desse tipo de aglomeração *identitária* é expresso pelas páginas que abordam as temáticas policiais, notoriamente atreladas aos valores conservadores.

Deste modo, o presente artigo aborda os resultados obtidos a partir de uma pesquisa realizada em 2017, cuja questão que a norteou foi a de compreender como ocorre a construção social da realidade em páginas que englobam o âmbito policial

⁴ O conceito aqui tomado de grupos identitários está pautado no segundo sintoma da *sociedade intimista* discorrido pelo sociólogo Richard Sennett no livro *O Declínio do Homem Público*. Para o autor, o segundo sintoma da sociedade intimista é o que ele denomina de *comunidades destrutivas*, onde o temor de se relacionar faz com que os indivíduos se confinem em micro círculos sociais, também chamados de círculos identitários. Estes círculos fazem com que os indivíduos que compartilhem dos mesmos valores sejam interpretados com confraternidade, enquanto os demais sejam tratados com aversão (SENNETT, 1999).

na rede social virtual *Facebook*. A partir deste conceito, procurou-se entender como se estrutura a construção e expansão do pensamento conservador em páginas específicas.

PESQUISA: ENTRE O VIRTUAL E O POLICIAL

Nas últimas décadas houve um crescimento nas pesquisas de caráter multidisciplinar que envolvem as áreas tecnológicas e das ciências humanas. Os trabalhos colaborativos entre as áreas foram denominados de *Humanidades Digitais* (ALMEIDA, 2014). Entretanto, é perceptível que na literatura científica são escassos os estudos relacionando o conceito de construção da realidade no campo virtual com instituições de segurança pública no Brasil.

O relatório global da Anistia Internacional, intitulado de “O Estado dos Direitos Humanos no Mundo” apontou que no Brasil houve um aumento no número de homicídios cometidos por policiais em 2016, conforme a seguinte exposição:

Os homicídios pela polícia continuaram numerosos e, em alguns estados, aumentaram. No estado do Rio de Janeiro, 811 pessoas foram mortas pela polícia entre janeiro e novembro. Houve relatos de diversas operações policiais que resultaram em mortes, a maioria delas em favelas. Algumas poucas medidas foram adotadas para frear a violência policial no Rio, mas ainda não produziram resultados. (ANISTIA INTERNACIONAL, 2016)

Estes dados vão ao encontro de estudos mais antigos sobre o tema, como a Pesquisa de Vitimização realizada pelo CPDOCFGV/Iser, onde se concluiu que no período de um ano, aproximadamente 835.454 pessoas apenas na região metropolitana do Rio de Janeiro vivenciaram algum tipo de violência policial (CPDOC-FGV/ISER, 1997), demonstrando assim que a violência exercida pela polícia é um fenômeno social que há muito tempo se perpetua no Brasil.

Segundo Briceño-León, Carneiro e Cruz, as ações extrajudiciais cometidas por agentes de segurança pública do Estado, tais como as ações violentas, possuem um respaldo por parte da população, fazendo com que os policiais atendam aos anseios da comunidade e não à lei⁵ (BRICEÑO-LÉON; CARNEIRO; CRUZ, 1999). Este raciocínio coincide com os dados coletados pelo Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e publicados no 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, onde se constatou que 57% da população brasileira acreditam na expressão “bandido bom é bandido morto” (FBSP, 2016). Portanto, a violência policial⁶ (também denominado

⁵ A pesquisa foi realizada a partir do apoio da população as ações extrajudiciais de policiais no Brasil, El Salvador e Venezuela.

⁶ O significado de violência policial adotada no trabalho segue a exposição dos relatórios anuais da organização não governamental: *Human Rights Watch*, que expressam a violência policial como as práticas de torturas, maus-tratos, execuções extrajudiciais, homicídios e outras condutas abusivas por meio da utilização de força física (HRW, 2015).

de violência oficial) está apoiada no fato da polícia ser o aparelho repressivo do Estado. Conforme estudos, sua atuação está pautada na construção de uma legitimidade consensual, permitindo o uso de uma violência legítima.

Neste cenário, a importância de se pesquisar páginas de redes sociais em confluência com a temática policial ocorre em primeiro lugar, pelos argumentos relatados anteriormente, acerca da relevância de estudos que apontem no sentido da compreensão da violência policial enquanto um fator cultural alicerçado em uma opinião coletiva. Em segundo, pelo fato que as redes sociais, segundo Wellman *“combinam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal”* (CASTELLS, 2000, p. 446). E em terceiro, porque os objetos pesquisados permitem a associação com a teoria da construção da realidade. Parafraseando as afirmações de Manuel Castells, as comunidades virtuais são ao mesmo tempo reais e não reais. As redes sociais, por exemplo, não são comunidades físicas, entretanto não podemos dizer que são irrealis, apenas funcionam em outro plano da realidade (CASTELLS, 2000), e deste modo, mesmo no plano virtual, as informações e discursos condicionam uma construção da realidade física. Acerca desta afirmação, destaca-se o enunciado de Castells que define o que são as redes sociais:

Nosso estudo sobre as estruturas sociais emergentes nos domínios da atividade e experiência humana leva a uma conclusão abrangente: como tendência histórica, as funções e os processos dominantes da era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultural. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Além disso, eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social. (CASTELLS, 2000, p.497)

Sendo assim, o objeto central de estudo desta pesquisa foi compreender como a construção social da realidade no campo virtual (mesmo este não sendo um espaço físico) impacta na formação cultural das instituições policiais no Brasil. Em termos mais sintéticos, como a articulação nas redes sociais interfere na cultura de violência que perpassa a polícia brasileira. A partir das informações obtidas, a pesquisa também se debruçou a assimilar o porquê ocorre à predominância de discursos conservadores

nas páginas analisadas, qual é o paralelo entre este modelo ideológico⁷ e a aceitação de violência como ferramenta de manutenção da ordem.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir da rede social virtual *Facebook*, a escolha pelo site de relacionamentos ocorreu em virtude de sua ampla utilização, sobretudo no Brasil. Segundo informações disponibilizadas pela própria empresa, em junho de 2018 o site atingiu a marca de 2,23 bilhões de usuários utilizando o serviço mensalmente, sendo a média de usuários diários conectados de 1,47 bilhões para o mesmo período. (FACEBOOK, 2018).

Enquanto metodologia, a pesquisa concentrou-se na coleta e análise exploratória de postagens, comentários, compartilhamentos e reações dos usuários em duas páginas na rede social virtual *Facebook*. A proposta foi de observar os diferentes tópicos discutidos a partir dos discursos produzidos nas páginas, isolando os debates científicos do senso-comum. Comumente a este processo, o estudo se propôs a entender os elementos de interações das páginas como formadores de uma construção social da realidade.

Inicialmente para determinar quais páginas seriam estudadas foi realizada uma coleta de dados e mapeamento de páginas policiais no *Facebook*. Para a realização da extração dos dados, foi utilizada o algoritmo *Netvizz*⁸. A primeira ação em relação à extração das informações foi definir todos os termos que abrangem a temática policial. Devido aos escassos estudos utilizando esta metodologia, foi necessário elaborar termos que mais se associassem à temática. Os termos de busca utilizados foram: 1) Arma; 2) Bandido; 3) Batalhão; 4) Bope; 5) Caveira; 6) Farda; 7) Força Tática; 8) Getam; 9) Militar; 10) Operações Especiais; 11) Polícia; 12) Rocam; 13) Rota e 14) Tropa. Através do rastreamento pelo *Netvizz*, foram encontradas as seguintes quantidades de páginas por termo, conforme demonstrado na Tabela 1:

Tabela 1 - Páginas encontradas por termo de busca.

Termo	Quantidade de páginas encontradas
Arma	514
Bandido	486

⁷ O conceito de ideologia foi e é amplamente utilizado em diversas correntes teóricas. A gênese da terminologia ocorreu em 1801 através do livro *Eléments d'idéologie* escrito por Antoine Destutt de Tracy. Por se tratar de um conceito complexo, e com várias interpretações, se optou pela utilização do pensamento materialismo-dialético de Marx sobre a ideologia. Segundo Marx, a ideologia é um conjunto de ideias e representações que domina um grupo social.

⁸ O *Netvizz* é uma ferramenta que extrai dados de diferentes seções da plataforma do Facebook em determinados grupos e páginas para fins de pesquisa (RIEDER, 2013).

Batalhão	442
Bope	506
Caveira	510
Farda	482
Força Tática	206
Getam	285
Militar	520
Operações Especiais	314
Polícia	497
Rocam	470
Rota	474
Tropa	523

Fonte: Dados obtidos pela ferramenta *Netvizz*.

É importante salientar que as páginas encontradas pelo *Netvizz* não correspondem com exatidão ao tipo de página em que a pesquisa se propõe a pesquisar. Isso ocorre porque a ferramenta recupera todo o tipo de página contendo os termos selecionados. Além do mais, as páginas encontradas são oriundas de diversos países, e não somente do Brasil. Sendo assim, além dos dados disponibilizados pelo *Netvizz*, foi necessário um mapeamento para identificar quais páginas designavam algum teor policial. Para tal, foi realizado um primeiro recorte, separando todas as páginas com mais de 500.000 fãs. A partir deste recorte, as páginas que continham os termos citados anteriormente e que correspondiam às disposições em que a pesquisa se comprometia a investigar, foram as páginas dispostas na Tabela 2:

Tabela 2 – Páginas Policiais com mais de 500 mil fãs.

Nome da Página	Tipo da Página	Fãs
Polícia Federal – PF	Organização Governamental	2.537.366
Polícia 24H	Programa de TV	1.363.482
Plantão Policial	Figura Pública	1.302.020
Tropa de Elite (filme)	TV & Filmes	1.196.906
“Eu nasci pra ser Polícia.”	Causa	1.130.511
Amigos da Rota	Localização	1.037.323
Batalhão de Operações Policiais Especiais – BOPE	Organização Governamental	965.906

Polícia Militar do Estado de São Paulo	Organização	889.679
Operações Especiais	Notícias & Site de Mídia	848.432
BOPE Tropa De Elite	Figura Pública	767.785
Polícia 24hrs	Programa de TV	741.874
Polícia Militar	Organização Governamental	687.408
Apoio Policial	Comunidade	668.896
Armas de Fogo	Empresa de Notícias e Mídia	663.097
Polícia Civil do Estado de São Paulo	Organização Governamental	622.426
Tropa de Elite 2	Filme	593.241
Polícia Segurança Pública	Organização Governamental	590.521
Polícia Nacional	Organização Governamental	543.549
1911 ARMAS DE FOGO	Comunidade	531.078
Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro	Organização Governamental	525.187

Fonte: Dados obtidos através da ferramenta *Netvizz*.

Através destas informações, com o desígnio de atender os objetivos, foi adotada uma perspectiva exploratória das informações, e com um tratamento qualitativo no manuseio dos dados de fonte documental. Adiante, foram selecionadas duas páginas com a maior quantidade numérica na métrica *Talking About Count* (pessoas falando sobre isso), ou seja, as páginas de temática policial com a maior interação no *Facebook*. As páginas selecionadas foi a “Apoio Policial” e “Eu nasci pra ser Polícia.”. A seleção das páginas teve o propósito de servir como um modelo referencial de análise. Outro elemento em consideração na escolha das páginas foi à seleção de *pages* não oficiais, isto é, páginas não administradas pelas instituições oficiais. Esse fator foi levado em consideração, pois as postagens em páginas não oficiais apresentam uma maior abertura de expressão.

Devido ao grande volume de dados contidos nas páginas (levando em consideração as postagens, comentários, reações e compartilhamentos) se optou por realizar um mapeamento de postagens durante o ano de 2017. A escolha das publicações foi

realizada intencionalmente, portanto, não foram analisadas todas as postagens, apenas as mais relevantes para o objetivo da pesquisa.

Após a coleta dos dados, as informações foram trabalhadas a partir da Construção Social da Realidade como teria norteadora, elucidado através dos conceitos de sociedade como realidade objetiva e subjetiva, desenvolvida pelos sociólogos Peter Ludwig Berger e Thomas Luckmann (BERGER; LUCKMANN, 1990). Apesar de estas formulações serem o cerne conceitual da pesquisa, outras teorias tem grande importância na percepção dos questionamentos que o trabalho tende a responder, dentre as quais, destaco as de sociedade de risco (BECK, 2011) e modernização reflexiva (GIDDENS et al., 1997), desenvolvidos por Anthony Giddens e Ulrich Beck, além do conceito de realidade virtual, elaborado por Manuel Castells (CASTELLS, 2000).

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: BERGER E LUCKMANN

Antes de abordarmos os resultados a partir da pesquisa, é de grande importância elucidarmos os principais conceitos que fundamentam o estudo, sendo assim, iniciaremos com o conceito de Berger e Luckmann, cuja abordagem é central no desenvolvimento do artigo.

A *Construção Social da Realidade* é um livro escrito por Peter L. Berger⁹ e Thomas Luckmann¹⁰, com o título original *The Social Construction of Reality*, de 1966. A obra foi amplamente difundida, sendo bibliografia quase que obrigatória em áreas como a psicologia social, comportamental, antropologia e direito. A sociologia do conhecimento tem um destaque especial no livro dos sociólogos, sendo o ponto de partida da obra, que discorre sua problemática e seus fundamentos a partir da vida cotidiana.

[...] ocupar-se com o que os homens “conhecem” como “realidade” em sua vida cotidiana, vida não teórica ou pré-teórica. Em outras palavras, o “conhecimento” do senso comum, e não das “idéias”, deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este “conhecimento” que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir. A sociologia do conhecimento, portanto, deve tratar da construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1990, p. 29-30)

⁹ Peter Berger nasceu em Viena em 1929. Se mudou aos 17 anos para os Estados Unidos da América. Estudou sociologia na *New School for Social Research* de Nova York, sendo posteriormente docente da mesma. Também atuou como diretor do Institute for the Study of Economic Culture da Universidade de Boston. Seus estudos são consagrados principalmente na sociologia do conhecimento e sociologia da religião.

¹⁰ Thomas Luckmann ou Tomaž Luckmann, nasceu na cidade eslovena chamada Jesenice. Estudou filosofia e linguística na Universidade de Viena e Innsbruck e posteriormente, assim como Berger, estudou na *New School for Social Research* de Nova York. Trabalhou como professor da Universidade de Konstanz (Alemanha), sendo concedido o título de professor emérito em 1994.

Os autores pretendem explicar através da obra como os indivíduos constroem seus próprios conhecimentos da realidade. Para isso, ambos formularam a existência de diversas formas de interação com a sociedade, exemplificando que cada sujeito está inserido em sua realidade cotidiana. Entretanto, a realidade de um indivíduo, nascido e criado numa região, certamente será extremamente distinta de outra região distante. Isso ocorre por que ao mesmo tempo em que somos influenciados pela sociedade em que vivemos, somos agentes construtores desta (SOARES, 2017).

A partir desta premissa, Berger e Luckmann expõem que o homem constrói seu próprio conhecimento da realidade. Esta construção está pautada em duas sustentações teóricas que compreendem o cerne obra, a primeira a partir da sociedade como realidade objetiva, e a segunda como realidade subjetiva. A problemática discutida pelos sociólogos é que a nossa realidade cotidiana é formada por ambas as realidades (objetiva/subjetiva), sendo a objetiva a partir da materialidade e experiências físicas e sensoriais, e a subjetiva por meio das construções mentais e imateriais. É importante destacar que ambos os autores delimitam que a institucionalização e legitimação estão inseridas no campo objetivo, enquanto o subjetivo é responsável pela interiorização da realidade objetiva.

Outro fator discutido são os padrões da realidade cotidiana. Os padrões são agentes de interligação entre os indivíduos, é a atuação do macro em relação ao micro. Para Berger e Luckmann, os padrões são referenciais determinados a partir da institucionalização, tradições e dos papéis interligados por meio da legitimação. A institucionalização é o elemento entrelaçado aos hábitos, sendo o fator de acomodação entre as pessoas. Sua função é desobstruir os sujeitos das pressões das escolhas, deliberando as instituições a carga psicológica de decisão. Em relação às tradições, os autores recorrem à linguagem como forma de transmissão das experiências. Com o passar do tempo, as experiências que compõem uma determinada realidade se tornam mais concretas, e, portanto, devem ser transmitidas as futuras gerações para que estas aprimorem cada vez mais a realidade vigente. Por fim, os estudiosos explicam as funções dos papéis como padrões da realidade. Os papéis possuem um duplo sentido, de fundamental importância para as instituições. Ele ao mesmo tempo em que representa uma instituição, tem a função de legitimá-la. O policial é o papel que legitima a instituição de segurança pública. Ou seja, os papéis são os exemplos mais claros de interiorizações da realidade subjetiva aplicada à realidade objetiva.

Por último, destaca-se a importância da legitimação na obra de Berger e Luckmann. Semelhante às tradições, a legitimação tem como escopo a perpetuação da realidade de uma classe. Dentre os mecanismos para tal intento se sobressai a exclusão dos indivíduos diferentes, ou que se opõem a uma realidade; e a legitimação via organizações.

CONSTRUÇÃO DA REALIDADE VIRTUAL: CASTELLS

Outra perspectiva teórica no campo da interpretação da realidade é a construção da realidade virtual, estando inserida no capítulo denominado de “*A cultura da virtualidade real*” da obra “*A sociedade em rede*”, escrito pelo sociólogo Manuel Castells¹¹. Neste capítulo, Castells parece definir as bases da construção da realidade a partir da virtualidade digital, mesmo este não citando Berger ou Luckmann. Primeiramente o autor define a distinção de realidade e virtualidade. A virtualidade é que existe na prática enquanto o real é o que existe de fato. Outro trecho de destaque é quando Castells diz que: “todas as realidades são comunicadas por intermédio de símbolos” (CASTELLS, 2000, p.459), remetendo assim como Berger e Luckmann à perspectiva do *interacionismo simbólico*.

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam em experiência. (CASTELLS, 2000, p.459)

O que Castells propõe é que a virtualidade mesmo sendo subjetiva, tem forte influência no real (de fato), logo ela também é real. Como exemplo para defender esta ideia, o sociólogo espanhol utiliza de um fato estadunidense, onde o vice-presidente Dan Quayle durante a campanha eleitoral de 1992 atacou diretamente uma personagem de uma série televisiva (Murphy Brown) interpretada por Candice Bergen. Os ataques de Quayle ocorriam por que a personagem da série era uma mulher independente, solteira e profissional, enquanto Quayle era um defensor dos costumes conservadores que se opunham aos valores de *Murphy Brown*. O desfecho da história foi que a personagem respondia os ataques do vice-presidente dentro da própria série televisiva. Este evento teve grande repercussão e contribuiu para derrota eleitoral de Bush. Castells exemplificou neste exemplo que se a virtualidade é uma realidade e qualquer ação nesta tem impactos diretos na realidade que Berger e Luckmann chamam de objetiva.

MODERNIZAÇÃO REFLEXIVA E A TRANSIÇÃO PARA A SOCIEDADE DE RISCO: GIDDENS, BECK E LASH

Adiante ao tema da construção da realidade, outras teorias dão suporte para a compreensão da virtualidade com a segurança pública, como a modernização reflexiva e sociedade de risco.

¹¹ Manuel Castells é um sociólogo espanhol, nascido em 1942 na cidade de Héliin. Castells atuou como professor em universidades com a de Paris e Berkley. Possui grande contribuição para a sociologia, comunicação, geografia e planejamento urbano.

“[...] *“Modernização reflexiva”* significa a possibilidade de uma (auto)destruição criativa para toda uma era [...]” desta forma Anthony Giddens sintetiza o conceito que marca o estado do capitalismo contemporâneo (GIDDENS; BECK; LASH, 1997). Ulrich Beck ressalta que a terminologia do conceito de modernidade reflexiva não está ligada ao adjetivo de reflexão, mas sim no sentido da *autoconfrontação*. O que diversos pensadores do nosso tempo debatem é que a modernidade reflexiva representa uma transição quase que imperceptível da sociedade industrial para a sociedade de risco.

Ainda segundo Beck, o próprio desenvolvimento da sociedade industrial produziu a dissolução de suas bases. Neste aspecto, a partir de uma interpretação dialética, a sociedade industrial se contrapõe consigo mesma, resultando em algo em algo novo, em uma nova sociedade, a qual se denominou de sociedade de risco. De acordo com o mesmo:

No sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tornar corpo às ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial. Isto levanta a questão da autolimitação daquele desenvolvimento, assim como da tarefa de redefinir os padrões (de responsabilidade, segurança, controle, limitação do dano e distribuição das consequências do dano) atingidos até aquele momento, levando em conta das ameaças potenciais. (GIDDENS; BECK; LASH, 1997, p.17)

O que Beck diz a respeito da transição da sociedade industrial em relação à sociedade de risco é que nem o capitalismo, e muito menos a industrialização deixaram de existir, pelo contrário, o processo de modernização reflexiva ressalta que a modificação nas formas de relações ocorreu justamente pela conquista e supremacia do capitalismo na esfera global. O fim da União Soviética e a queda dos regimes socialistas geraram um clima de desgaste e incertezas sobre a conjuntura política, social e econômica, o que de certa forma colaborou para que o capitalismo desenvolvesse uma nova forma de sociabilidade, não por meio de sua crise (como o desenvolvimento da revolução industrial), mas de forma sutil.

Um dos cerne da sociedade de risco é a noção de incerteza que a perpassa. O processo de produção industrial produziu grandes efeitos no contexto global, não somente pelo caráter de relações sociais, mas também pela questão ecológica. Neste aspecto, Beck afirma que a sociedade de risco se torna reflexiva, ou seja, “ela se torna um tema e um problema para ela própria”. (GIDDENS; BECK; LASH, 1997, p.19)

O individualismo é outro elemento disposto na modernização, pois as formas de sociabilidade anterior à mesma eram realizadas em modo de comunidade, seja nas sociedades indígenas, romanas, etc. Ou seja, o capitalismo fez com que os indivíduos parassem de trabalhar em função do coletivo, para priorizarem o individual. Segundo

Costa, as crises das instituições modernas aprofundam o processo de individualização, “[...] *que torna os indivíduos sujeitos da construção de sua própria identidade e biografia*” (COSTA, 2004).

CONSERVADORISMO COMO CORRENTE FILOSÓFICA-POLÍTICA

O conservadorismo é uma corrente político-filosófico. Dentre suas bases conceituais, se destaca a teoria na qual os homens são naturalmente egoístas¹² (diferentemente da corrente progressista) e desse modo, as sociedades por intermédio de hábitos e tradições suprimem a maldade humana. Para algumas correntes como o socialismo, a sociedade é concebida como um núcleo de indivíduos, todavia no conservadorismo, a nomenclatura de sociedade é aplicada nas tradições, hábitos e instituições. Portanto, a teoria aqui discorrida é marcada por uma contradição explicitada pela negação tanto do universalismo como do individualismo, defendendo deste modo um tipo de sociedade “organicista”, onde cada grupo deve seguir suas regras específicas.

No Brasil, o conservadorismo também é expresso por meio de posicionamentos tradicionalistas. O IBOPE Inteligência realizou um estudo comparando duas pesquisas (uma realizada em 2010 e outra em 2016), na tentativa de medir o grau de conservadorismo da população brasileira (IBOPE, 2017). Dentre as perguntas, se destacam a opinião do brasileiro em relação a pena de morte, redução da maioria penal e prisão perpétua para crimes hediondos.

Segundo o estudo de 2010, 31% dos brasileiros eram a favor da pena de morte, em 2016 esse número saltou para 49%. Em relação à redução da maioria penal, na primeira pesquisa 63% disseram ser a favor, enquanto em 2016 a porcentagem foi de 78%. Para a prisão perpétua para crimes hediondos, 66% eram a favor em 2010, no ano de 2017 o índice subiu para 78% (IBOPE, 2017).

Michael Löwy exemplifica a relação conservadora-militar no Brasil, quando afirma:

O elemento mais preocupante da extrema-direita conservadora no Brasil, que não tem um equivalente direto na Europa, é o apelo aos militares. O chamado a uma intervenção militar, o saudosismo da ditadura militar, é sem dúvida o aspecto mais sinistro e perigoso da recente agitação de rua conservadora no Brasil. (LÖWY, 2015, p. 663)

Sendo assim, podemos conceber que a ideologia conservadora tem como premissa a manutenção da ordem, logo a manutenção da classe dominante. E é justamente nas redes sociais virtuais que está ideologia encontrou um campo amplo de dissemi-

¹² Ao denotar que o homem é naturalmente egoísta, a corrente conservadora remete aos estudos dos contratualistas, principalmente a concepção de natureza humana presente em Thomas Hobbes.

nação. Como a perspectiva conservadora tende para a preservação das instituições, as páginas ligadas a elas têm uma maior assimilação da ideologia, um exemplo desta estrutura são as páginas policiais.

REFORMULAÇÃO DAS TRADIÇÕES E COMUNIDADES A PARTIR DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

No campo da virtualidade, as redes sociais virtuais são um espaço “democrático”¹³, onde qualquer pessoa com acesso à internet pode interagir e se posicionar. A hierarquia nas redes não se exerce em forma de classe social, pelo menos no aspecto ortodoxo do termo, pois num exemplo, um jovem proletário da periferia do Rio de Janeiro e um milionário capitalista de Miami podem interagir da mesma maneira em uma página ou grupo no *Facebook*. Isto não significa que o conceito elaborado por Karl Marx esteja errado¹⁴, pelo contrário, a noção de exploração está mais viva do que nunca no motor do capitalismo, porém na modernidade, outros elementos surgem acrescentando novas formas de interpretação das relações sociais, levando desta forma a reinterpretar velhos conceitos aos nossos contextos histórico-sociais.

Na modernidade reflexiva, as tradições são destruídas e reinventadas (GIDDENS; BECK; LASH, 1997), isso ocorre também nas redes sociais. A dinâmica de comunicação perde seu antigo significado, onde uma informação que antes levaria dias para ser difundida, hoje é propagada em instantes, ao toque de um botão “compartilhar”¹⁵. Ou seja, a internet (em grande medida as redes sociais) deram novos significados, criou novas tradições e intensificou um elemento marcante da modernidade, o individualismo, no qual o sociólogo polonês Zygmunt Bauman define como modernidade líquida¹⁶ (BAUMAN, 2001). Nesta modernidade, sites como o *Facebook* tem suas próprias regras sociais, não como normas e condutas pré-estabelecidas pela empresa, mas acordos inconscientes que os próprios usuários criam, transportando elementos da realidade para o campo virtual. Para muitos indivíduos, um namoro ou alguma relação afetiva somente se concretiza quando incorporado em alguma rede social, quando se muda o *status* de relacionamento, ou quando se sentem obrigados a curtir a página das empresas que trabalham. Claro que estas ações não são uma regra geral, ou não se encontram em nenhuma lei estatal ou privada, todavia são consequências das novas tradições que são recriadas.

¹³ Partindo de um pressuposto de que qualquer pessoa com acesso a rede mundial de computadores pode acessar ou criar uma conta em uma rede social.

¹⁴ O conceito de Karl Marx citado se refere ao conceito de classes. Conceito onde Marx designa que a sociedade é historicamente dívida entre classes antagônicas, essa colocação de Marx é exposta na celebre frase: “*A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes*”, escrita no Manifesto Comunista (MARX; ENGELS, 2005).

¹⁵ Referência a uma função da rede social Facebook, cujo objetivo é compartilhar alguma informação a outros usuários da rede.

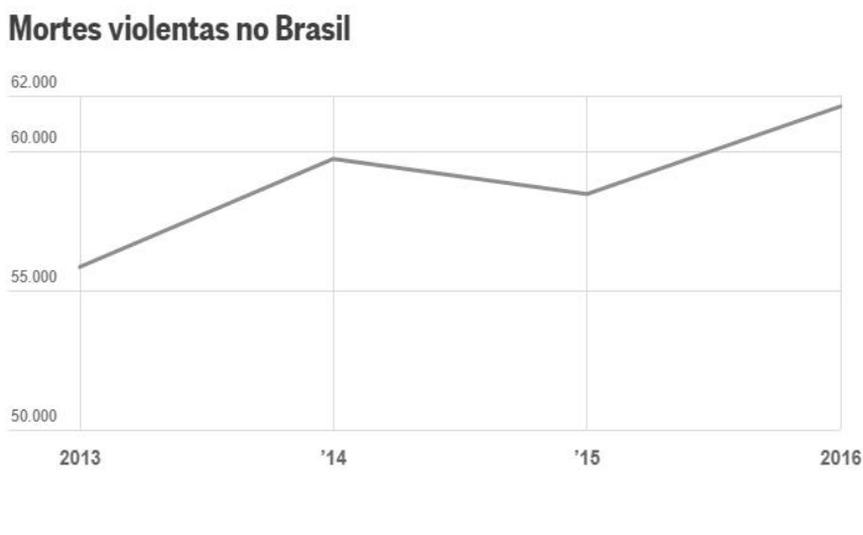
¹⁶ Bauman cunha o termo “modernidade líquida” pois para ele as relações humanas não são mais sólidas, consistentes, mas sim fragilizadas e solúveis, por isso a adoção do termo traduzido ao português como líquido.

VIOLÊNCIA POLICIAL

Os conceitos abordados até aqui, representaram uma ponte entre teorias sociológicas e a utilização das redes sociais virtuais, contudo, outro fator a ser discutido é a relação destes fatores com a violência policial.

O debate em torno da violência exercida pela polícia no Brasil é amplo, entretanto, as pesquisas que se propuseram a estudar o tema se depararam pela dificuldade por conta dos dados oficiais, ou pelo difícil acesso ao “mundo” policial. Contudo, ao abordamos a questão da violência executada pela polícia, devemos inicialmente contextualizar a violência no Brasil como um todo. Segundo o 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil registrou o maior número de mortes violentas nos últimos 10 anos (FBSP, 2017) conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1. Quantidade de Mortes Violentas no Brasil segundo o FBSP.

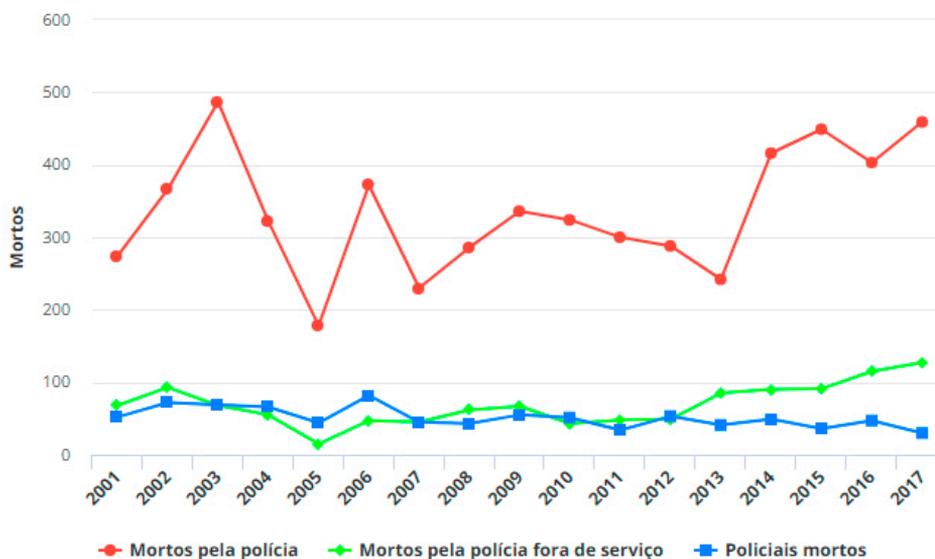


Fonte: 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública

De acordo com os dados divulgados pelo FBSP, as mortes violentas no Brasil em 2016 cresceram 3,8% em comparação com 2015 (FBSP, 2017). Outro dado importante diz que nos índices como: latrocínio, homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte, vitimização e letalidade da polícia houve aumento em relação aos anos anteriores. Porém quando analisamos os dados sobre a violência, aplicados às mortes em decorrências de ações policiais (civil e militar), observamos que houve um aumento de 25,8% entre os anos de 2015 a 2016. Dentre as mortes divulgadas no relatório, nota-se que 76,2% da vítimas eram negros, e 81,8% tinham entre 12 e 29 anos de idade.

Dados mais recentes divulgados pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, demonstram que o número de pessoas mortas pela polícia do estado no primeiro semestre de 2017 é o maior em 17 anos. Segundo os dados compilados pelo Monitor da Violência (G1) e por Samira Bueno¹⁷, a cada policial morto em serviço no Brasil, à polícia mata 36,88 pessoas (maior taxa desde 2001). Ainda chama a atenção o fato de que das 459 pessoas assassinadas pela força de segurança estadual no primeiro semestre, 127 foram executadas por policiais fora de serviço (GLOBO, 2017).

Gráfico 2. Número de pessoas mortas pela polícia no 1º semestre no Estado de SP.



Fonte: Secretaria da Segurança Pública

Podemos dizer que a relação entre a polícia e a violência através dos índices divulgados é intrínseca. Segundo diversas pesquisas, um dos pontos que sustenta estas ações é uma cultura de tolerância em relação à violência policial. E neste aspecto, as redes podem exercer a função de ferramenta para a desconstrução desta tolerância, ou de incentivo as ações brutais cometidas pela polícia.

Nas páginas pesquisadas, foi constatado que a rede serve como espaço e incentivo à hostilidade exercida pela polícia. Dentre as postagens, se destaca a noção de combate da violência por meio da violência, como a publicação demonstrada na Imagem 1 e Tabela 3 – **Interação da Publicação 27/10 – Página Apoio Policial.**, onde a página “Apoio Policial” posta uma figura com os dizeres: “*O cidadão de bem jamais*

¹⁷ Samira Bueno é diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP.

usa a expressão VIOLÊNCIA POLICIAL. CONTRA MARGINAL não se pode enfrentar bandidos com flores, policiais façam o que deve ser feito.”:

Imagem 1 – Publicação 27/10 – Página Apoio Policial.



Fonte: <https://www.facebook.com/FanpageApoioPolicial/photos/a.411381455564387.83314.411379318897934/1473322272703628/?type=3&theater>

Tabela 3 – Interação da Publicação 27/10 – Página Apoio Policial.

Data	27/10/2017
Legenda	Vídeos policiais -> https://goo.gl/SsTMqS
Reações	1 mil
Comentários	24
Compartilhamentos	351

Fonte: <https://www.facebook.com/FanpageApoioPolicial/photos/a.411381455564387.83314.411379318897934/1473322272703628/?type=3&theater>

A publicação expõe com clareza que a violência cometida pela polícia, quando aplicado ao “marginal”, é justificada. Isso é evidente na frase: “Policiais façam o que deve ser feito”. O problema dessa preposição é o paradoxo do combate da violência por meio da violência. As frases curtas, sem discussão e imagens chamativas colaboram para um alto índice de reações, quase na totalidade como positivas, favorecendo assim uma formação de opinião baseada em quantidade de aceitação do meio (quantidade de

reações, comentários e compartilhamentos) do que opiniões pautadas em argumentos sólidos e consistentes.

Em relação as teorias ligadas a violência, são plausíveis de comparação as ações de incentivo as atuações violentas ligadas a instituição policial ao conceito de violência controlada de Norbert Elias (ELIAS, 2014) toxic chemical products formed as secondary metabolites by a few fungal species that readily colonise crops and contaminate them with toxins in the field or after harvest. Ochratoxins and Aflatoxins are mycotoxins of major significance and hence there has been significant research on broad range of analytical and detection techniques that could be useful and practical. Due to the variety of structures of these toxins, it is impossible to use one standard technique for analysis and/or detection. Practical requirements for high-sensitivity analysis and the need for a specialist laboratory setting create challenges for routine analysis. Several existing analytical techniques, which offer flexible and broad-based methods of analysis and in some cases detection, have been discussed in this manuscript. There are a number of methods used, of which many are lab-based, but to our knowledge there seems to be no single technique that stands out above the rest, although analytical liquid chromatography, commonly linked with mass spectroscopy is likely to be popular. This review manuscript discusses (a. Assim como nos coliseus de Roma, a violência praticada pela polícia e enaltecida nas redes se configura socialmente como instrumento de controle populacional. As páginas se configuram como válvulas de liberação agressiva, marcada por uma separação de lados, onde qualquer ato de violência cometida pela polícia é aplaudido enquanto a violência cometida pelos demais sujeitos é condenada.

POLÍCIA NA REDE VS. DIREITOS HUMANOS

Conforme demonstrado, a questão da violência está intimamente ligada às ações das polícias, tanto no âmbito cotidiano como nas interações nas redes sociais virtuais. Entretanto, outro elemento tem grande destaque a partir das informações coletadas na pesquisa, é a relação entre a polícia na rede e os direitos humanos. Deste modo, iniciemos esta seção detalhando o que são direitos humanos universais.

Após os acontecimentos da segunda guerra mundial, foi criada as Nações Unidas (1945), com o objetivo de assegurar a igualdade e direitos a todos os homens e mulheres. Durante a Assembleia Geral foi promulgada a declaração Universal dos Direitos Humanos, com um ideal comum a ser atingido por todos os povos (UNIDAS, 1948). Segundo Souza, os direitos humanos *“remontam a uma lógica política segundo a qual a base de sustentação do poder político não é o Estado, mas antes, são os cidadãos”* (SOUZA, 2008, p.21). Ainda segundo o sociólogo, a violência não pode ser contida

pelo aumento do poder do Estado, mas sim, mediante o reconhecimento e aplicação dos direitos humanos.

Entretanto, o discurso proferido a respeito dos direitos humanos entra em confronto em relação à ideologia conservadora enquanto teoria política-filosófica. Como relatado anteriormente, o conservadorismo tem como seu escopo o pessimismo antropológico pautado na concepção do homem sendo egoísta por natureza, cabendo aos hábitos e tradições à função de moderação da maldade humana. Outro fator deste pensamento é a prevalência da concepção de sociedade formadora do indivíduo, e não de sujeitos que formam a sociedade, portanto cada sociedade só poderia existir dentro de sua tradição específica, excluindo totalmente qualquer ideia de universalidade, como os direitos humanos.

Deste modo, ao analisarmos as páginas policiais observamos que é atribuído aos direitos humanos uma roupagem simbólica, cujas ideias são totalmente opostas à ideologia dominante das páginas examinadas. Portanto, a declaração promulgada para a defesa de direitos a todos os cidadãos torna-se apenas uma expressão, geralmente atribuída para qualquer sentido de descontentamento ou oposição. De acordo com as análises, também compreendemos que o termo “direitos humanos”, é o mais utilizado como sentido de negatividade. Nas páginas estudadas, qualquer pensamento coerente de defesa a vida e oposição à violência são compreendidos como inimiga, este pensamento é expresso como na página “Apoio Policial”, numa publicação do dia 26 de outubro de 2017, onde um político com uma posição publicamente conservadora, segura uma camiseta com os dizeres: “Direitos humanos: Esterco da Vagabundagem”. Outro exemplo é observado na página “Eu nasci pra ser polícia” no dia 10 de agosto de 2017, onde os moderadores publicaram uma foto de um veículo da PATAMO (Patrulhamento Tático Móvel) como os dizeres: “Época que os ‘*manos*’ não se criavam. Pois não existia os ‘Direitos dos *manos*’”. Em ambas as postagens, observa-se o caráter negativo em relação aos direitos humanos, sem um questionamento prévio da informação transmitida. Além de repassarem informações errôneas, afirmando que a finalidade dos direitos humanos é proteção de criminosos, as páginas não demonstram rigor histórico em suas publicações, como no segundo exemplo anteriormente demonstrado.

Em relação ao plano objetivo, a cultura de negatividade dos direitos humanos pode ter consequências graves na realidade cotidiana. De acordo com o relatório “Ataques letais, mas evitáveis: assassinatos e desaparecimentos forçados daqueles que defendem os direitos humanos”, realizado pela Anistia Internacional, entre janeiro a agosto de 2017, 58 defensores e ativistas dos direitos humanos foram mortos no Brasil (INTERNATIONAL, 2017). Números que colocam o Brasil como o país que mais ocorre assassinatos dos defensores em todas as Américas. Ainda segundo a

Anistia, 281 defensores foram mortos em todo o mundo no ano de 2016. A partir destes dados não podemos confirmar uma relação direta das mortes com a onda de ódio nas redes, todavia, podemos notar o enfraquecimento dos direitos e de todas as instituições ligadas a tal; principalmente a partir da negligência do estado, tendo em vista que para o relatório muitas das mortes poderiam ter sido evitadas através da intervenção estatal, e pelo clamor popular exteriorizado nas redes.

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE NAS PÁGINAS POLICIAIS

Dentre os resultados observados ao longo da construção da pesquisa, podemos debater o processo individualizante das redes sociais virtuais, em especial ao *Facebook*. Nela, os indivíduos são expostos gradualmente a determinadas informações, criando laços de identidade entre indivíduos (micro círculos)(SENNETT, 1999). Estes laços fazem com que determinada posição, sobre qualquer assunto se intensifique, dificultando uma análise mais profunda da sociedade como um todo. Este processo fomenta a noção de “verdades absolutas”, criando uma oposição a tudo e a todos que pensam de maneira divergente ao seu círculo. Assim, é criado um espaço de disputa nas redes, um ambiente de violência controlada (necessário nos processos civilizadores) (ELIAS, 2014)toxic chemical products formed as secondary metabolites by a few fungal species that readily colonise crops and contaminate them with toxins in the field or after harvest. Ochratoxins and Aflatoxins are mycotoxins of major significance and hence there has been significant research on broad range of analytical and detection techniques that could be useful and practical. Due to the variety of structures of these toxins, it is impossible to use one standard technique for analysis and/or detection. Practical requirements for high-sensitivity analysis and the need for a specialist laboratory setting create challenges for routine analysis. Several existing analytical techniques, which offer flexible and broad-based methods of analysis and in some cases detection, have been discussed in this manuscript. There are a number of methods used, of which many are lab-based, but to our knowledge there seems to be no single technique that stands out above the rest, although analytical liquid chromatography, commonly linked with mass spectroscopy is likely to be popular. This review manuscript discusses (a.

Nas redes os indivíduos constroem sua biografia, montando um perfil, e em muitos casos, utilizando este mesmo perfil para difundir os frutos conquistados através do individualismo, sem se preocupar com os perigos do contato físico, pois nas redes é possível mostrar através de imagens e vídeos, o consumo desenfreado, como um objeto da moda, algo que representa um luxo, isento do perigo que teriam ao demonstrar algo no mundo real. Podemos afirmar que as redes sociais são uma consequência da moder-

nidade, que corroboram para o individualismo na sociedade de risco e cria uma nova forma de tradição, na qual as pessoas são ligadas de uma forma quase que religiosa.

Acerca da relação entre construção social da realidade e ciberespaço, destaca-se inicialmente as preposições de Castells sobre a realidade virtual, onde o autor afirma: “*As sociedades ficam final e verdadeiramente desencantadas porque todos os milagres estão on-line e podem ser combinados em mundos de imagens autoconstruídas*”(CASTELLS, 2000, p.461). Deste modo, Castells contribui inserindo a questão da virtualidade no campo da construção social da realidade. A realidade virtual parece mais tentadora que a realidade objetiva, pois está tem o poder de materializar a realidade subjetiva criando um mundo de possibilidades. Essa colocação do sociólogo espanhol, em sintonia com os escritos de Berger e Luckamann, pode ser compreendida como a base de sustentação teórica que explica a crescente do conservadorismo virtual.

O que mais interessa a respeito da construção social da realidade é compreender justamente que quando falamos de virtualidade, estamos nos remetendo a um tipo de realidade. Entretanto, a realidade virtual possibilita um campo maior de possibilidades imagéticas, tornado real todas as nossas aspirações, transformando em realidade apenas o que queremos em nosso perfil. Aliás, é através da construção do perfil (diferente da construção dos sujeitos) que podemos ser quem queremos.

A partir da realidade virtual podemos nos ligar e conectar com qualquer pessoa que pense de maneira semelhante, transpondo as barreiras físicas e geográficas. Essa característica do campo virtual possibilita o desenvolvimento de grupos identitários grandes e diversificados.

Em relação as escolhas das páginas, estas confluem para o que os autores do *interacionismo simbólico* definem de padrões de realidade. Retomando as propostas de Luckamann e Berger, os padrões são constituídos de Instituições, Perfis, Tradições e Legitimação, portanto, as instituições são exemplificadas através da instituição policial no Brasil e nas páginas que abordam o tema, os perfis são os próprios usuários e sua hierarquia desde os membros até os administradores das páginas, a tradição é explicitada através do pensamento conservador, enquanto a legitimação é explicada na pesquisa por meio dos discursos. Contudo, não basta compreendermos que a formação e interação destes campos na rede são reais, o mais importante é compreendermos seus efeitos. Por isso o estudo se ampliou a pesquisar o conservadorismo virtual. Sobre este tema, é possível concluir que as redes sociais ampliaram os horizontes desta ideologia. A partir do que Berger e Luckmann denominam de instituições, podemos traçar que o envolvimento quase que “familiar” nas páginas centralizado na figura (ou símbolo) da polícia colabora para o conforto interno. Conforto este necessário pela configuração de sociedade de risco, onde o medo tomou conta das relações sociais. Assim, na sociedade

do medo, a noção do “todos contra todos” presente na noção de estado de natureza hobbesiano volta à tona, e a corrente conservadora pautada justamente nestes princípios ganha mais força.

Deste modo, é possível traçar que através da sociedade de risco, as páginas policiais se tornaram um terreno fértil para a propagação da ideologia conservadora, pois o sentimento de insegurança é balanceado pela violência contra qualquer ideologia de contestação desta, ainda mais se avaliarmos que a violência praticada é incentivada pelo fator de ser exercida virtualmente (sem a necessidade do contato físico) e por ter o apoio do grande grupo de usuários. (mais de um milhão na página “Eu nasci pra ser polícia”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das implicações das redes sociais virtuais no campo da segurança pública, observada ainda pela ótica da sociologia do conhecimento, é algo imenso, por se tratar de um fenômeno novo pela perspectiva histórica. Deste modo, a pesquisa disposta neste artigo não teve a pretensão de realizar nenhuma conclusão absoluta e final sobre os assuntos; o que não inibe de chegarmos a algumas constatações e construirmos uma linha de pensamento que dê conta de entendermos as estruturas e processos dos fenômenos expostos aqui.

A proposta de compreender a correspondência do conservadorismo em páginas policiais no *Facebook* a partir dos conceitos de construção social da realidade foram amplamente satisfatórias. A utilização da rede virtual representa mais do que um passatempo em um site de entretenimento, retrata virtualmente a personificação do papel social que as pessoas exercem.

Sendo assim, é concebível que a metodologia aplicada deste conceito ao campo virtual pode materializar a compreensão não somente da temática policial, como diversas outras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e Mediadores nos Fluxos Tecnoculturais Contemporâneos. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 191–214, 2014.
- ANISTIA INTERNACIONAL. **Anistia Internacional Informe 2015/16: O estado dos Direitos Humanos no Mundo**, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

BRICEÑO-LÉON, R.; CARNEIRO, L. P.; CRUZ, J. M. O apoio dos cidadãos à ação extrajudicial da polícia no Brasil, em El Salvador e na Venezuela. **Cidadania, justiça e violência**, p. 117–127, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COSTA, Sérgio. Quase crítica: insuficiências da sociologia da modernização reflexiva. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, p. 73–100, 2004.

CPDOC-FGV/ISER. **Lei, justiça e cidadania: direitos, vitimização e cultura política na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV/Isfer, 1997.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

FACEBOOK. **Newsroom Facebook**. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. **Brasil. Segurança Pública**, 2016.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017. **Brasil. Segurança Pública**, 2017.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

GLOBO, G1 - Portal de Notícias da. **Número de pessoas mortas pela polícia de SP no semestre é o maior em 14 anos; mortes em folga são recorde**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-no-semester-e-o-maior-em-14-anos-mortes-em-folga-sao-recorde.ghtml>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

HRW, Human Rights Watch. **World Report 2015: Brazil**. Disponível em: <<https://www.hrw.org/world-report/2015/country-chapters/brazil>>. Acesso em: 1 out. 2017.

IBOPE, Inteligência. **Aumenta o grau de conservadorismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/aumenta-o-grau-de-conservadorismo-no-brasil/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

INTERNATIONAL, Amnesty. **Deadly But Preventable Attacks**. p. 45, 2017.

ITU. **ICT Facts and Figures 2016**. 2016, Geneva: International Telecommunication Union - ICT Data and Statistics Division, 2016. Disponível em: <<http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2016.pdf>>.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, v. 124, p. 652–664, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction. **Proceedings of the 5th Annual ACM Web Science Conference on - WebSci '13**, p. 346–355, 2013.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOARES, Rodrigo da Silva. A construção social da realidade. **Revista do Direito Público**, v. 12, n. 2, p. 316, ago. 2017.

SOUZA, Luis Antonio Francisco de. **Sociologia da Violência e do Controle Social**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

UNIDAS, Nações. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2017.

Recebido: 05/06/2018

Aceito: 21/08/2018

